

O CLUBE DE CINEMA DA BARRA

apresenta

- I) "Max et le quinquina" , de Max Linder
- II) "The Song of Ceylan", de Basil Wright
- III) "Ivy", de Sam Wood

29 -outubro - 1955

Os dois primeiros filmes pertencem à Filmotheca do Museu de Arte Moderna de S. Paulo.

Ficha técnica de " Max et le quinquina"

Argumento, direção e interpretação de Max Linder

Biografia de Max Linder

Max Linder, cujo nome verdadeiro era Gabriel Levielle, nasceu em 16 de dezembro de 1883, em Saint-Loubés (Gironde), na França. E morreu em Paris, em 30 de outubro de 1925.

Após laurear-se pelo Conservatório de Bordeaux, e ter sido ator de teatro de vaudeville em Paris, em 1905 ingressou no cinema, contratado pelos estúdios da Pathé, estrelando com " La Vie de Polichinelle", logo a seguir aparecendo em " La première sortie d' un Collégien", que lhe valeu um grande sucesso. Durante três anos viveu entre o cinema e o teatro, mas em 1908 aderiu definitivamente ao primeiro. Desde então, passou ele próprio a vencer as histórias de seus filmes, adotando o pseudônimo com o qual se tornaria célebre e se fixando, em 1910, sobre o tipo que também se tornaria famoso: "um filho de família, impecavelmente vestido".

Seu contrato com a Pathé outorgava-lhe o direito de dirigir e supervisionar seus filmes. E antes de 1914, tornara-se no maior ator cinematográfico do mundo, conquistando um enorme prestígio em todas as nações.

Em certas fitas, o comico de Max Linder, originado diretamente do vaudeville francês, atingia uma perfeição digna de Chaplin. E Chaplin muitas vezes o reconheceria como o seu único mestre ou antecipador: "Sem os filmes de Linder, eu jamais teria feito cinema".

Produzindo um filme cada semana, com 150 a 300 metros, Linder empregava uma técnica muito simples, cada cena sendo registrada geralmente sem uma única repetição, ao contrário do que viria a acontecer com Chaplin, que gastaria milhares de metros de película na elaboração mesmo de suas curtas metragens.

São, dezenas de fitas em 1910 e outras tantas em 1911, quase tôdas com títulos assim: "Max e"

Longa doença o levou a interromper seu trabalho, para retomá-lo em 1912. Excursionou, então, com um êxito extraordinário pela Alemanha, Espanha, Rússia. Em 1915, contratado pela Essanay para substituir Chaplin que a deixara, Max partiu da Suíça, onde estava como ferido de guerra, e foi para Hollywood, cujo clima determinou sua transferência para Chicago, onde fez apenas três filmes, pois uma pleurisia o levou de novo a Suíça, para um sanatório. Em 1919, porém, retornou aos E. U., para participar de outros filems, aí ficando até 1923, quando regressou a França, onde interpretaria mais um filme em 1924, matando-se no ano seguinte com sua esposa, numa crise de neurastenia.

SOBRE "MAX ET LE QUINQUINA"

"Entre os melhores filmes que realizou se acha sua obra-prima "Max et le quinquina", de que escreveu o argumento".

"Detalhemos o roteiro do filme, para que se perceba a simplicidade de sua técnica. Plano de conjunto, quando vários personagens estão em cena, plano médio ou plano americano, quando somente dois atores aparecem. Excepcionalmente, um ou dois grandes planos mostram o detalhe de um acessório (agarrafa do vinho) mais do que o jogo de sua fisionomia. Se se acrescentassem dois ou três primeiros planos do rosto do personagem, a técnica de "Max et le quinquina" seria a que Chaplin aprenderia -- com Mack Sennett e à qual continuaria fiel durante o período mudo.

"Tudo se baseia em Linder como em Chaplin sobre o roteiro, os jogos de cena, os gags e o senso cômico. A técnica do filme, que permanece secundária, é tão simples quanto possível: o comediante e seus comparaas são o principal".

("Histoire Générale du Cinéma", tomo III, vol. 1º, pgs. 114/118, Georges Sadoul)

"Ele é o iniciador. Uma cinemateca inteligente deveria possuir o maior número de filme desse ator, hoje um tanto esquecido, mas cujo poder sobre o público continuaria muito grande. Em sua época, não realizava ainda filmes de longa metragem, porém, como os dos demais cômicos, de curta metragem. É talvez -- aí que se deva buscar o melhor de seu talento, porquanto ele se arriscaria a perder o fôlego numa obra mais longa. A finura da representação, a malícia irônica dos gestos e do olhar, fazem ainda hoje de sua arte um modelo acabado. (...) Ele é, com Méliés, um dos verdadeiros iniciadores do cinema.

"Em Max et le quinquina", o título não é senão um pretexto .(...) Essa chanchada é tratada com uma discreção tão perfeita, com festos de uma comicidade tão medida, que ainda ho

je enoanta. A saudação final dos policiais, duas ou três cenas desta breve comédia, nos mostram como se formou essa gramática elíptica e metafórica do cinema, que tanto deve a Max Linder".

("Histoire du Cinéma", de Maurice Bardeche et Robert Brasillach, pgs. 81/82, da edição de 1948)

* * * * *

Ficha técnica de "The Song of Ceylon"

Rotéiro, direção e fotografia -	Basil Wright
Assistente de direção -	John Taylor
Produção -	John Grierson, para a Ceylon Tea Propaganda Board
Música -	Walter Leigh
Ano -	1934-1935

Biografia de John Grierson

Nascido em Deanton (Escóssia), em 1898, foi o grande animador da escola documentária inglesa dos anos 30, principalmente como produtor. Em 1929, dirigiu "Drifters". Em 1932, colaborou com o notável cineasta Robert Flaherty na realização de "Industrial Britain". De 1930 a 1933, chefiou o serviço cinematográfico da Empire Marketing Board, formando um grupo com Basil Wright, Arthur Flton, Paul Rotha, John Taylor, Harry Watt, e outros, chamando Flaherty à Inglaterra. Nos quatro anos seguintes (34 a 37), passou a dirigir a G. P. O. (General Post Office), quando convidou Alberto Cavalcanti a participar do cinema britânico, produzindo, seja para a G. P. O., seja para diversas firmas comerciais ou entidades públicas, documentários de enorme importância: "The Song of Ceylon", em 1935; "Night Mail" (dirigido por Basil Wright e Harry Watt) em 1936; "Housing Problems" (de Edgar Anstey), no mesmo ano; "North Sea" (de Harry Watt) e "We live in two Worlds" (de Cavalcanti), em 1937. A partir da última guerra, se estabeleceu no Canadá, onde veio a produzir, entre outros, os renomados desenhos e filmes experimentais de Norman Mac Laren. Desde 1946, passou a pertencer a Unesco, como um dos principais dirigentes do seu setor de cinema.

SOBRE JOHN GRIERSON, BASIL WRIGHT E "The Song of Ceylon"

"..... o documentário inglês tornou-se, com o documentário

soviético, o mais eficiente na propaganda dos aliados na guerra mundial e em seguida o berço do florescente cinema inglês de após -guerra".

"Pequenas companhias de documentários se formavam: "Cinema - Contact", "Strand Films", "Realist Film-Unit",... Tudo girava em torno da G. P. O., onde Grierson e eu continuávamos. Elementos de fora, como Paul Rotha e J. Holmes, vieram reunir-se ao nosso grupo. Músicos como Walter Leigh e Maurice Jaubert, ambos destinados a morrer na guerra, Benjamin Britten, Ernest Mayer e Darius Milhaud; poetas como W. H. Auden e Montagu Slater, trabalhavam conosco".

"Uma divisão de tendências então se precisa: Grierson acentua o estilo direto, funcional, enquanto que, em torno de mim mesmo, se agrupam os fieis às pesquisas, experimentando, até os limites de um certo preciosismo, o som e a cor".

"Os nomes a serem lembrados desta época incluem: (...) Basil Wright, cuja sensibilidade e inteligência o colocam entre as figuras mais significativas do movimento".

"Os mais diferentes temas foram abordados pelo documentário britânico, entre as duas guerras, dos quais cumpre lembrar os seguintes: (...) A vida em Ceilão, a revolução industrial que costeia a ilha sem atingir a piedade dos indígenas. As danças e os templos ceilaneses em todo o seu esplendor. ("The Song of Ceylon").

"É evidente que antes de "Song of Ceylon", de Basil Wright, o filme sonoro não tinha sido senão o filme falado".

("Filme e Realidade", Alberto Cavalcanti, pgs. 30, 61/77).